



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO

“Nostalgia is not dead”: Valor musical e revival grunge a partir do legado do Nirvana¹

Victor de Almeida Nobre Pires²

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Resumo

A cultura pop e midiática tem uma fascinação pelo passado. Ao mesmo tempo em que o número de produtos musicais distintas aumenta a cada dia com o surgimento de novas bandas e novos gêneros musicais, é comum o surgimento de revivals e de narrativas nostálgicas com bandas e gêneros do passado. Em 2011, 20 anos após o lançamento do álbum “Nevermind”, o Nirvana voltou aos holofotes devido a uma onda nostálgica criada pela indústria do entretenimento, mas que tomou conta do imaginário dos fãs, das páginas de revistas e jornais especializados e, também, das prateleiras das lojas de discos. No presente trabalho, propõe-se uma análise da construção da nostalgia grunge, pensando os elementos de valor presentes no gênero grunge, tendo como foco o Nirvana.

Palavras-chave: Musica Popular Massiva; Valor Musical; Nostalgia; .

1. Introdução

Dia 28 de agosto de 2011. O Reading, um dos festivais de verão mais conceituados da Europa, reunia mais de 80 mil fãs de rock para a última noite de shows. Dentro da grade de programação de apresentações ao vivo um concerto em específico chamava a atenção. Em um dos palcos alternativos do festival, seria exibido o show que o Nirvana fez, como headliner, em 1992.

Essa decisão da curadoria do evento causou impacto pela óbvia interrupção das apresentações ao vivo para a exibição de um show de uma banda que já havia encerrado suas atividades há mais de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICAÇÃO, CONSUMO, MEMÓRIA: cenas culturais e midiáticas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) - Campus Sertão. Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Membro do Laboratório de Análise de Música e Audiovisual (LAMA/UFPE). E-mail: victoranpires@gmail.com



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

15 anos. Por que um festival, reconhecido por apresentar novas promessas da música e destacar as bandas e artistas que estão no topo das paradas de sucesso apresentaria um show de quase 20 anos atrás?

A resposta da pergunta acima foi dada por uma das responsáveis pelo agenciamento de bandas do Reading. Segundo Tania Harrison, em entrevista, declarou que o show “foi uma performance histórica que muita gente não viu, um daqueles momentos seminais que mudaria tudo”.³

Uma das principais marcas da cultura pop é o fascínio pelo passado, pela possibilidade de algo antigo ser ressignificado e “voltar” no futuro. É de se pensar o que motiva os revivals musicais que acontecem rotineiramente no imaginário dos fãs, na mídia especializada e, principalmente, no consumo de música que trazem de volta determinado artista ou gênero musical aos holofotes, reaquecendo as vendas, revivendo histórias e afetos.

Segundo o crítico musical Simon Reynolds, em artigo para o site da revista Slate, a “aparição” do Nirvana no Reading Festival pode ser entendida como um dos fatos que fizeram do ano de 2011 um ano de nostalgia por 1991, pelo grunge e por Seattle dentro da crítica de música, do consumo especializado de rock e da cultura pop.

Para se ter uma ideia, basta analisar alguns fatos que movimentaram o cenário musical do ano passado: lançamento do livro “Everybody loves our town”, de Mark Yarm, um relato da história oral da cena musical de Seattle nos anos 1990; lançamento do documentário PJ20, de Cameron Crowe, e a turnê do Pearl Jam comemorando os 20 anos de carreira; lançamento de uma edição de luxo pelo aniversário de 20 anos do álbum Nevermind, do Nirvana, e show promovido por Krist Novaselic para celebrar a data, no qual o baixista do Nirvana recrutou músicos e executou o álbum na íntegra.

Além disso, a agenda de shows também teve importância. Para falar apenas em shows realizados no Brasil, quatro dos maiores expoentes da cena musical de Seattle dos anos 90, ainda em atividade, passaram pelo Brasil durante o ano de 2011: Pearl Jam se apresentou em novembro em São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Porto Alegre; e o Festival SWU (SP) reuniu: Chris Cornell, vocalista do Soundgarden; Hole, grupo de Courtney Love (viúva de Kurt Cobain); Alice in Chains e Stone Temple Pilots.

³ Entrevista concedida à New Music Express, disponível em (acesso em 14 de janeiro de 2011): <<http://www.nme.com/news/nirvana/57666>>



Tudo isso colaborou para trazer à tona uma onda nostálgica que atingiu críticos, jornalistas e, principalmente, fãs. O discurso midiático nos veículos especializados trazia especiais sobre a cena grunge de Seattle, sobre a importância do Nirvana para a música alternativa pós-anos 90, sobre o fim trágico de Kurt Cobain, dentre outros assuntos.

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção da nostalgia do ano de 1991 em 2011, tendo como foco o revival de Nevermind, a partir da celebração dos 20 anos de lançamento, e do grunge no ano passado. Pensando a ideia de valor, na concepção de Simon Frith, e de nostalgia.

2. Nostalgia e retromania: de volta para 1991

A nostalgia é um elemento sempre presente na cultura pop. Ter saudade de determinada produção cultural de um tempo passado, reviver histórias e narrativas de artistas que fizeram sucessos décadas atrás ou trazer de volta para os holofotes álbuns clássicos que fizeram sucesso há anos. Tudo isso pode ser problematizado a partir da ideia de nostalgia presente na cultura pop contemporânea.

Antes de se pensar a nostalgia no contexto mencionado acima para se discutir a nostalgia no rock, a partir do caso do grunge em 2011, alguns pontos precisam ser levantados para se chegar a noção que servirá de guia para a análise. O primeiro ponto que vale ser pensado, é a definição de nostalgia. Não como um simples retorno da memória ao passado idealizado e a saudade pelos tempos vividos (ou não), mas sim, como uma narrativa complexa em constante articulação com o tempo presente e com a cultura midiática.

Segundo Ângela Prysthon:

Os artefatos dessa cultura e a sociabilidade sugerida pelo seu consumo revelam não necessariamente uma memória direta dos acontecimentos referidos ou a familiaridade com o repertório citado; o que importa é, sobretudo, o afeto – seja por algo que foi efetivamente vivido ou por algo que esses jovens gostariam de ter vivido. A nostalgia funciona como reação criativa ao presente, como articulação, às vezes intensamente subversiva, do sentimento de inadequação ou deslocamento em relação ao aqui e ao agora. (PRYSTHON, 2008, p. 82)

Uma das pensadoras sobre o tema, Svetlana Boym, em seu livro *The Future of Nostalgia*, discute a evolução da ideia de nostalgia a partir de um viés majoritariamente político. Para a autora, a



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

nostalgia é definida pela perda do objeto de desejo original e pelo distanciamento espacial e temporal (BOYM, 2001).

Em um capítulo de seu livro, Boym analisa a nostalgia aplicada a cultura pop. A partir do filme Jurassic Park, a autora desenvolve uma série de problemáticas e cunha uma síndrome com o nome do filme. A “Síndrome Jurassic Park” seria uma marca da modernidade com ecos na cultura popular norte-americana, “na qual a mais moderna tecnologia é usada para recuperar o mundo pré-histórico” (BOYM, 2001, p. 33).

Alguns paralelos traçados para se explicar a nostalgia de Jurassic Park podem ser usados para explicar a nostalgia pop e, também, o caso analisado no presente trabalho. As narrativas da nostalgia pop parecem se mostrar pela lembrança de determinado artista, banda ou gênero musical específico e que conta, em grande parte, com a participação dos fãs, através de elementos partilhados de ordem coletiva e individual. Pois, ao mesmo tempo que as narrativas nostálgicas trazem de volta elementos que dizem respeito a uma comunidade de fãs, cada participante da comunidade tem uma narrativa afetiva própria.

O primeiro ponto colocado pela autora é que a nostalgia é construída, não através da mera reconstrução do passado, mas sim, através do mito dos dinossauros.

O filme exemplifica um tipo diferente de nostalgia, não psicológica, mas mítica, isso tem a ver com a identidade do herói nacional americano. Esse tipo de nostalgia mitológica tem implicações geopolíticas, desde que o dinossauro é uma criatura da cultura popular global exportado para todo o mundo. O que deveria aparecer como um caro jogo infantil, inócuo e universal nos Estados Unidos, atinge os espectadores em outras partes do mundo como uma encenação do mito americano (BOYM, 2001, p. 34)

Esse tipo de construção poderia ser atribuído, em parte, à nostalgia grunge, principalmente, relacionando o gênero à Kurt Cobain. A ligação da figura de Cobain como mártir de sua geração é criada a partir da aura mítica que a mídia e os fãs fizeram nascer em torno da memória do ex-líder do Nirvana. A morte prematura, os mistérios que envolvem a sua morte⁴, as teorias conspiratórias criadas a partir do suicídio e o fim trágico de Kurt Cobain são alguns fatores que ajudaram na criação do mito

⁴ Kurt Cobain foi encontrado morto por um electricista em sua casa, em Seattle, em 05 de abril de 1994, com um tiro de espingarda na cabeça. Além do corpo, foi encontrada uma carta. A polícia encerrou o caso como suicídio e a perícia apurou que o corpo de Cobain continha grande concentração de heroína. Existem algumas teorias conspiratórias que tentam provar que a morte não foi por suicídio.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

pop norte-americano. E isso também é exportado para o mundo todo, seja através da mídia que sempre revisita as polêmicas ou do imaginário dos fãs do gênero. Para Boym, a exportação de mitos americanos tem se tornado uma prática cada vez mais corriqueira e muito explorada pela indústria do entretenimento.

A cultura popular norte-americana está crescendo mais e mais auto-referencialmente e auto-abraçada; ela rapidamente absorve as invenções da alta cultura, mas como está na boa e velha definição de Clement Greenberg do kitsch, a indústria do entretenimento ainda reproduz em massa os efeitos da arte (BOYM, 2001, p. 39)

Ainda segundo Boym, a popularização dessas narrativas nostálgicas é feita pela mídia, ao mesmo tempo em que a indústria do entretenimento se aproveita dessa conjuntura para gerar dividendos. A comercialização da nostalgia ocorre a partir da disponibilidade de bens de consumo e souvenirs: “A indústria global de entretenimento da nostalgia é caracterizada pelo excesso e completa disponibilidade de souvenirs desejáveis” (2001, p. 38).

Colaborando para afirmar a sentença acima, Simon Reynolds, em seu livro *Retromania*, afirma que os revivals e ondas nostálgicas são recorrentes na cultura musical, devido ao que o autor chama de monocultura do rock e a referência que o gênero tem com o passado. Em artigos, Reynolds afirma que a volta do grunge de 2011 foi criada “de cima para baixo”. Mesmo parecendo um desejo popular, os ciclos comemorativos têm se tornado previsíveis e elementos estruturais da cadeia.

(...) o que está chamando atenção sobre o recente besteirol “9ties R Back!” é a ausência de qualquer senso real de “demanda popular”. A retrospectiva parece de rotina, a previsível conclusão das maneiras que ciclos comemorativos tem se tornado estruturais, um componente embutido das indústrias midiáticas e do entretenimento. Esse revival é majoritariamente de cima para baixo (...). Todo mundo se beneficia: revistas geram conteúdo para preencher suas páginas, gravadoras conseguem sustentar suas bases com o relançamento de material de arquivo (garantindo lucros, já que as gravações originais já estão pagas há muito tempo) (...) Ainda que os intervalos – sempre mensurados em décadas, o 10º ou o 20º aniversário do que seja-lá-o-que-for – são arbitrários, governados por uma métrica de calendário que não tem nada a ver com nenhuma nostalgia atual de evento/artista/era em questão. (REYNOLDS, 2011)

⁵ Publicado pela revista Slate, em 23 de agosto de 2011, disponível em (acesso em 14 de janeiro de 2011): http://www.slate.com/articles/arts/music_box/2011/08/the_ghost_of_teen_spirit.single.html



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Um dos principais argumentos de Reynolds sobre a onda dos revivals e nostalgias que tanto ocorrem na cultura pop é desfamiliarizar esses processos que, ao longo do tempo, foram se tornando normais. Por isso, era de se esperar que os 20 anos do grunge causariam alguma onda de nostalgia, mesmo que criada pelos próprios fãs ou pela indústria do entretenimento.

Como nos revivals, o cenário musical parece obedecer a regra dos 20 anos para o retorno: os anos 80 estiveram muito na moda nos anos 2000, na moda na forma de post-punk, electropop e até no recente ressurgimento do goth. Mas você também tem o renascimento precoce dos anos 90, como a moda do nu-metal e a surgimento do shoegaze, grunge e britpop como referencia para as novas bandas indie. (REYNOLDS, 2011, p. 12)

Então, na fala de Reynolds, percebe-se que o pop tem um fascínio pela nostalgia. O passado permeia a cultura contemporânea e entre uma onda de revival ou o surgimento de uma narrativa nostalgia no cenário musical. Isso acontece devido à construção afetiva e ao valor que a música tem. Mas quais são os fatores que levam a música a ser valorada e lembrada com o passar dos tempos?

3. DO VALOR MUSICAL: POR QUE TEMOS SAUDADES DE 1991?

É de se perguntar o que mantém vivos os ecos de 1991, para além da relação nostálgica dos fãs com as bandas e canções. Há explicações. Foi nesse ano que o Nirvana tomou de assalto as paradas de sucesso, então dominadas por Michael Jackson, com um disco de guitarras sujas e versos tristes, e o Pearl Jam lançou *Ten*, o trabalho mais importante da carreira da banda. Na trilha dos dois grupos, uma série de bandas como Soundgarden e Alice in Chains alcançaram o estrelato. Mas não apenas isso. (VEJA, 2011)

Pensar esse revival do grunge a partir da ideia de valor musical mostra como as práticas musicais podem ser ressignificadas a partir do processo de circulação. A partir disso, podemos analisar o processo nostálgico a partir do valor que o grunge, o Nirvana e o Nevermind têm para determinada comunidade de fãs.

Foi um grande álbum. Grande estilo, grandes composições – realmente grandes. É provavelmente o melhor disco da cena de Seattle. Um dos meus favoritos daquela época. Você pode pensar o que quiser de Kurt ou do grunge, mas a qualidade é inegável. É por isso que as pessoas ainda se importam.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

(Lenny Kravitz, em depoimento a revista Spin⁶, sobre o álbum Nevermind)

As ideias de Simon Frith não são aplicadas a qualquer fenômeno musical. Frith analisa em seus trabalhos, as práticas musicais vinculadas a consumos dedicados, onde os fãs também são protagonistas dos processos de consumo e, principalmente, circulação. Não interessa aqui os consumos casuais ou desinteressados de música, mas sim, os fãs que acompanham a carreira de seus artistas preferidos, colaboram para a afirmação de determinados gêneros musicais e que se utilizam desses produtos culturais como elementos de distinção e identificação.

Um dos pontos centrais das ideias de Frith é que para se compreender a música popular massiva em suas mais distintas expressões, principalmente o rock, é preciso discutir as tensões econômicas e criativas inseridas nas estratégias mercadológicas e nos produtos midiáticos. As discussões acerca de autonomia, valor artístico e cultural, propostas pelo autor, giram em torno de temas ligados à estética, sociologia e economia da comunicação.

Eu não acredito na arte menor versus negócios que atualmente nos ajude a analisar o rock como uma cultura de massa. É precisamente porque música, dinheiro e adulação não podem ser separados – por músicos e pelo público – que o rock é importante. Fãs e músicos de rock, de modo similar, também querem que sua música seja poderosa, que funcione como música e como mercadoria. Reduzir a história da música pop a uma disputa entre músicos (ou pequenos empresários) heróis e marionetes das corporações é ignorar um assunto crítico: as estratégias da indústria da música de controle de mercado (que certamente têm suas consequências para a música popular) tem sido desenvolvida, justamente, porque o mercado não pode ser controlado. (FRITH, 1981, p. 91)

Levando em consideração os aspectos valorativos ligados ao mercado, o álbum Nevermind foi um divisor de águas na história da música alternativa e também para as grandes corporações da indústria do entretenimento. O índice de vendas do disco foi um dos mais significativas antes da derrocada do poderio das grandes gravadoras, estima-se que a banda tenha vendido mais de 25 milhões de cópias em mundo todo.

Passadas duas décadas, intervalo em que tradicionalmente são abertas as portas dos revivals, os marcos ficaram ainda mais claros. O relançamento comemorativo de *Nevermind* faz lembrar que o disco que projetou o Nirvana saltou de uma tiragem inicial de 50.000 cópias para a impressionante marca de 26 milhões de cópias

⁶ Revista Spin (EUA) edição de agosto de 2011. Edição especial “What Nevermind means today?”.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

vendidas, transformando-se em fenômeno comercial. Que lançou um ídolo pop despojado e amargo, crítico da indústria de entretenimento da qual fazia parte. Que abriu espaço para outras bandas de estética crua e compacta, seres estranhos no mundo da pirotecnia pop que dominava então. (VEJA, 2011)

Isso tudo se dá por que a música tem um significado maior que vai além do texto musical em si. Para Frith, o mero ato de conversar sobre produtos midiáticos faz parte da cultura popular e parte do prazer da mesma cultura popular é falar sobre ela, discutir através de argumentos de valor baseados em evidências e persuasão.

Então, assumindo os julgamentos de valor como um dos elementos fundamentais dentro das lógicas de circulação e consumo musical é de se pensar o que faz partes dessas práticas valorativas. Quais os fatores que podem exercer influência nesses julgamentos?

Além dos fatores estéticos, ligados à forma, ao texto e à poética musicais, os aspectos sociais e mercadológicos vinculados aos julgamentos de valor assumem protagonismo. Boa parte dos julgamentos de valor realizados tem, para Frith, não só um viés estético, mas também político.

Na sala de aula, então, quando um texto popular (um programa de TV ou um shopping center, um vídeo de Madonna ou um CD do Nirvana) é lido positivamente, o que está em questão não são suas qualidades imediatas ou seus efeitos, mas as oportunidades que eles oferecem para interpretações contra o grão. Dessa perspectiva até o julgamento de alguma coisa – uma novela de Jeffrey Archer, um musical de Andrew Lloyd Weber como ‘ruim’ é antes uma afirmação política do que estética, um comentário sobre os mercados, não sobre sua forma (FRITH, 1996, p. 14)

Inspirado na teoria de Pierre Bourdieu sobre a distinção, para Frith qualificar algum produto cultural como bom e outro como ruim é uma ação distintiva que reconhece certos valores, práticas e afiliações afetivas de um indivíduo dentro de determinado espaço ou grupo social. Portanto, para se pensar alguns aspectos políticos presentes no entorno do texto musical do Nirvana, basta apenas analisar as conjunturas do cenário musical da época e ver como a produção musical dos grupos de Seattle são apresentadas.

O grunge (sujeira), termo que foi cunhado por Mark Arm, vocalista do Green River, não só levou ao topo da indústria musical bandas próximas da estética punk e simplificada – de letras objetivas e poucos acordes. Bandas, aliás, em tudo opostas à megalomania do hard rock dos anos 1980, representado por nomes como Guns N’Roses e por seu excêntrico vocalista, Axl Rose. Alterou também comportamentos, moda e referenciais. (VEJA, 2011)



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Em outras palavras, o texto musical das bandas rotuladas como grunge foram valorizados inicialmente, dentre outros motivos, pela oposição do gênero à supremacia exercida pelas bandas de hard rock, como o Guns N'Roses. A dualidade criada, mesmo não sendo uma regra para os fãs, serviu de baliza para a crítica midiática afiliar o grunge na história da música pop no começo dos anos 1990.

Mas, além disso, os julgamentos de valor são importantes para a compreensão dos produtos midiáticos, através das estratégias de inserção no mercado e de circulação, e para a configuração de redes sociais, através da formação de grupos de fãs que valoram determinado produto musical e se associam a partir de traços culturais característicos comuns.

A influência da mídia e de elementos da cultura musical é responsável para que determinados produtos culturais exerçam mais ou menos impacto, determinando práticas comuns, comportamentos e tendências. Segundo Simon Frith:

Se as relações são constituídas em práticas culturais, então nosso senso de identidade e diferença é estabelecido no processo de discriminação. E isso é tão importante para o popular como para as atividades culturais burguesas, importante igualmente para os níveis mais íntimos da sociabilidade (um aspecto do modo como as redes de amizade e namoro são organizadas) e os mais anônimos níveis de escolhas mercadológicas (o modo como as indústrias da moda e da propaganda procuram nos posicionar socialmente traduzindo julgamentos individuais do que gostamos e desgostamos em padrões de venda). Essas relações entre julgamentos estéticos são claramente cruciais para as práticas da cultura popular, para os gêneros, cultos e subculturas. (FRITH, 1998, pg. 18)

Pois, como é analisado por José Luiz Braga, a circulação é necessária para a inserção na cultura. É através da circulação que os produtos musicais que o valor é construído, seus significados adquirem leituras dinâmicas com o passar do tempo e o afeto adquire mais ou menos força em determinada comunidade de fãs.

O sistema de interação social sobre a mídia (seus processos e produtos) é um sistema de circulação diferida e difusa. Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. Se não circulassem, não estariam na "cultura". (BRAGA, 2006, p. 27)



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Além dos aspectos estéticos, políticos e econômicos, ainda outro fator que auxiliou para a construção do valor para fãs do grunge foi a rápida ascensão e queda do gênero, marcada pelo trágico suicídio de Kurt Cobain, em 1994, apenas três anos após o lançamento de Nevermind.

O declínio do nicho foi tão rápido quanto a sua ascensão. O que, diga-se de passagem, tornou ainda mais forte o seu acontecimento. Cinco anos depois de surgir para o grande público, o alcance dos grunges foi refreado. Kurt Cobain suicidara-se em 1994 com um tiro na cabeça e o uso desenfreado de drogas comprometeu o desempenho e a continuidade de praticamente todas as bandas do rol, com exceção do Pearl Jam, liderada por Eddie Vedder, a mais longa e ativa. (VEJA, 2011)

E os ecos do que fez o grunge voltaram em 2011, a partir de acontecimentos marcantes que trazem à tona toda a memória do que foi o ano de 1991, do que foi a cena musical de Seattle e do que foi o sucesso do Nirvana. Essa nostalgia toma conta das páginas de revistas e jornais especializados, do imaginário dos fãs, das prateleiras das lojas de discos e da cultura pop de maneira geral.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma coisa que nós podemos definitivamente dizer é que a exibição do clássico show do Nirvana é um anti-evento, um buraco negro na história. Aquela hora nas quais novos e velhos estavam de boca aberta da mesma forma com a performance que mexeu o mundo de 1992, o tempo está morto: o tempo da repetição e simulação. Aliás, um modo mais ríspido de colocar isso: o homem morto naquela tela está mais vivo do que as pessoas que o assistiam. (REYNOLDS, 2011)

Assim como o grunge voltou 20 anos depois, trazendo consigo as histórias, o imaginário em torno do gênero e reaquecendo as vendas. Os ecos de 1991 permanecem vivos por tudo o que representaram e pelo valor que os fãs atribuem à essa produção musical, ao momento histórico e às narrativas construídas a partir da música.

Um ponto que podemos pensar a partir do presente trabalho é como a construção do valor de determinada obra musical se desdobra ao longo do tempo. A construção de uma nostalgia, mesmo que de “cima para baixo”, reforça a força que as práticas musicais e seu período histórico tiveram. Vale ressaltar como essas narrativas ganham vulto de mitificação a partir desses processos de nostalgia. Exemplo é a passagem pelo Brasil, no ano de 2017, da exposição “Nirvana – Taking Punk to the



COMUNICON2018
congresso **internacional**
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Masses”. Pela primeira vez fora de Seattle, o acervo trazia vários itens raros que contavam a história da banda desde os primeiros ensaios ao sucesso massivo pós-*Nevermind*.

Nesse sentido, percebemos como parte significativa do valor cultural agregado à obra do Nirvana se constrói, não apenas nas leituras do produto musical em si, mas de toda uma narrativa nostálgica sobre os anos 1990 e o caráter mítico do trio de Seattle e, sobretudo de seu vocalista, Kurt Cobain. Vale perceber como essa narrativa ao longo do tempo ganha novos traços e remonta uma fase importante da música popular massiva global.

5. REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia – dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

FRITH, Simon *et al.*. **The Cambridge Companion to Pop and Rock**. Endiburg: Cambridge University Press, 2001.

FRITH, Simon. **Sound Effects: Youth, Leisure, and The Politics of Rock and Roll**. New York: Pantheon, 1981.

FRITH, Simon; GOODWING, Andrew. (org). **On Record: rock, pop and the written world**. London: Routledge, 1990.

FRITH, Simon. **Performing Rites: on the value of popular music**. Cambridge/ Massachusetts: Harvard University Press, 1998.

PRYSTHON, Ângela. **Martírio juvenil, música e nostalgia no cinema contemporâneo**. In: FREIRE FILHO, João (Org.); Borelli, Silvia (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

REYNOLDS, Simon. **Retromania: the pop culture’s addiction to it’s own past**. Nova York: Faber & Faber, 2011.

REYNOLDS, Simon. **The Ghost of Teen Spirit**. Disponível em: <http://www.slate.com/articles/arts/music_box/2011/08/the_ghost_of_teen_spirit.single.html>

Acesso em: 14 de janeiro de 2018.

VEJA. **O revival do grunge**. 17 de outubro de 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/o-revival-do-grunge>> Acesso em: 14 de janeiro de 2018.

Referências



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Inserir referências, em corpo 11, espaço simples entre linhas, seguindo as normas da ABNT. Cada referência separada da seguinte conforme exemplo abaixo:

SOBRENOME, Nome. **Título:** subtítulo. Local: Editora, Ano.

SOBRENOME, Nome. **Título:** subtítulo. Local: Editora, Ano.

ATENÇÃO: ANTES DO ENVIO DE SEU TRABALHO, APAGUE AS INSTRUÇÕES DO TEMPLATE E SALVE O ARQUIVO EM PDF